

Apresentação

Introduction

Belchior Monteiro Lima Neto

Em meados do século XIX, Hegel, em sua *Filosofia da história*, assim se referia à África: “[ela] não faz parte da história do mundo. Não tem [...] progressos a mostrar, movimentos históricos próprios” (HEGEL, 1995, p. 174). Segundo esta visão, o continente africano, sobretudo a região subsaariana, não poderia ser historicizado, estando relegado a aparecer como figurante de um passado centrado na Europa. A negação de uma história africana, ou a descrença na possibilidade de escrevê-la, ainda encontrava eco nos meios acadêmicos em meados do século XX, como demonstra Fage (2011, p. 8-9), ao reproduzir a fala do famoso professor de Oxford, Sir Hugh Trevor-Hoper, que afirmara, em 1963, não haver uma História da África, mas tão somente a dos europeus no continente.

Seguindo as considerações do historiador guineense Carlos Lopes (1995), em artigo intitulado *A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos*, existiram três grandes correntes de interpretação histórica acerca da África, relacionadas a contextos políticos diversos: a denominada corrente da inferioridade, identificada com o período colonial em África; e da superioridade, associada ao pan-africanismo e à descolonização; e os novos estudos acerca do continente, que se aproximam, em grande medida, de perspectivas interpretativas pós-coloniais.

A corrente da inferioridade africana, fruto de décadas de dominação colonial, teria como importante marco teórico o paradigma hegeliano, que marginalizava a história do continente negro, pensando-a como um apêndice da europeia. Já a corrente da superioridade, emergente no percurso da descolonização, buscou promover a valorização da História da África, sem, contudo, romper com categorias tradicionais e com a própria dicotomia colonizador/colonizado, sendo, por isso, representada, por Lopes (1995), como a que exprimia o modelo da pirâmide invertida, refutando o discurso colonial e o substituindo por um similar nacionalista.¹

¹ A despeito das críticas de Lopes (1995), os historiadores filiados à corrente da pirâmide invertida foram responsáveis pela constituição de um importante projeto historiográfico, patrocinado pela UNESCO, nos anos 1960: a coleção *História Geral da África*, que esquadrinhou a história do continente da Antiguidade à época contemporânea.

No tocante à Antiguidade greco-romana, exemplos das correntes da inferioridade e da superioridade africanas são apresentados por Claude Lepelley (2016, p. 421-426), em conferência denominada *Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte*. Analisando o discurso dos historiadores europeus do período colonial, Lepelley destaca a chamada Épica do retorno, que associava as ruínas e inscrições romanas existentes no norte da África como o resultado da herança de uma colonização europeia antiga. Retomando a fala de René Cagnat (1913, p. 776): “nós podemos sem medo comparar nossa ocupação da Argélia e da Tunísia àquela das mesmas províncias africanas pelos romanos. Como eles, [...] nós tentamos ganhá-la para a civilização”. Implícito a tal perspectiva, estava a noção dos africanos – dos berberes, sobretudo – como bárbaros e incapazes de constituir uma civilização e entidades politicamente centralizadas. Eles permaneceriam, desde sempre, confinados em organizações tribais dispersas, nômades e sem história.

A partir dos anos 1960, em decorrência dos movimentos de independência nacional no norte da África, a produção historiográfica tomou um novo rumo, encaixando-se no modelo da superioridade africana delineado por Lopes (1995). Como a sua predecessora eurocêntrica, procurou-se encontrar, no passado, a antecipação da realidade histórica vivenciada no momento de sua produção, mas agora dando voz aos episódios de sublevação local, exemplificados, entre outros, nos embates de Jugurta, Tacfarinas e Firmo ao domínio romano na região. A revalorização da resistência local, nesse sentido, se tornara elemento fundamental para a própria construção das identidades nacionais de recentes Estados independentes, como nos casos do Marrocos, da Argélia e da Tunísia. O que se observava, como destaca Lepelley (2016, p. 426), era uma desafricanização do passado romano, visto como a história dos europeus na África, numa “visão que era apenas o negativo, no sentido fotográfico do termo, daquela dos historiadores da época colonial”.²

Nas três últimas décadas, novas perspectivas, menos “politizadas” e influenciadas por uma viés pós-colonial, ganharam força entre os africanistas, destacando-se autores com investigações relacionadas a temáticas variadas e identificadas com a Nova História Política e Cultural, atuando em pesquisas concernentes às mais diversas cronologias. Pode-se destacar, no conjunto de uma historiografia cada vez mais extensa, nomes como John Thorthon (2003) e Paul Gilroy (2001), no que tange ao período moderno, e Claude Lepelley (2016) e David Mattingly (1994), com trabalhos vinculados à Antiguidade greco-romana. É possível identificar, como ponto de convergência destas análises, o papel

² Lepelley (2016, p. 436-437) concebe a África romana a partir de uma cronologia de longa duração (oito séculos) e como uma região híbrida, com uma profunda e complexa interação romano/púnico/berbere, constituindo o que ele denomina como a sociedade romana-africana.

ativo e dinâmico ocupado pelos africanos na construção de sua história, enfatizando o continente negro como fundamental na constituição do passado da humanidade.

A atuação dos africanos na formulação de sua própria história serviu também como fio condutor das discussões levadas a cabo neste dossiê. De início, tal fato pode ser observado na entrevista concedida a *Romanitas* por José Rivair Macedo, na qual o autor tece importantes considerações acerca das perspectivas atuais da africanologia e da consolidação do campo da História da África Antiga no Brasil. Deve-se destacar, ainda, os artigos de Anderson Oliva, Joana Clímaco e Margaret Bakos, compreendendo investigações que destacam a representação do Egito na Antiguidade e na historiografia contemporânea, além das relações políticas e econômicas entre o vale do Nilo e o País de Punt, no período faraônico. Outra instigante contribuição é oferecida por Maria Cristina Kormikiari, que analisa, a partir da interpretação de dados arqueológicos provenientes de diversas regiões do Mediterrâneo ocidental, o papel central desempenhado por Cartago na difusão do ritual fenício-púnico de sacrifícios humanos, realizados em diversos santuários púnicos – *tofets* – distribuídos pelo norte da África, Sardenha, Sicília e Malta. Por fim, digna de nota é a problematização sobre duas importantes personagens romano-africanas: Apuleio de Madaura e Cipriano de Cartago. O primeiro, fonte imprescindível no que tange ao estudo da filosofia, da magia e dos cultos de mistérios praticados no norte da África em meados do século II; o segundo, um dos mais destacados bispos e autores cristãos tardo-antigos, cujo pensamento é fundamental para a compreensão da realidade da comunidade cristã cartaginesa no século III. Como um todo, os artigos e a entrevista que compõem a atual edição de *Romanitas* apresentam ao leitor uma África Antiga complexa e plural, composta por um mosaico de sociedades e culturas de matrizes diversas – egípcia, púnica, númida e romana, incluindo o elemento cristão.

Referências

- CAGNAT, R. *L'armée romaine d'Afrique et l'occupation militaire sous les empereurs*. Paris: Imprimerie Nationale, 1913.
- FAGE, J. D. A evolução da historiografia africana. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 1-23.
- GILROY, P. *O Atlântico negro*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- HEGEL, F. *Filosofia da História*. Brasília: UnB, 1995.
- LEPELLEY, C. Os romanos na África ou a África romanizada? *Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do Norte*. *Heródoto*, v. 1, n. 1, p. 418-437, 2016.

LOPES, C. A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos. Colóquio Construção e Ensino da História da África. *Actas...* Lisboa, 1995, p. 21-29.

MATTINGLY, D. J. *Tripolitania*. Michigan: University of Michigan Press, 1994.

THORTHON, J. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.